

O que Sayad, Delfim e Dornelles estão realmente discutindo.

Há duas discussões paralelas na economia brasileira. Uma delas diz respeito ao quanto se pode emitir de base monetária para financiar o déficit público — é a discussão entre Sayad e Dornelles. A outra é entre economistas como Ibrahim Eris, ex-assessor de Delfim Neto na Seplan, e o Banco Central, acerca da possibilidade de colocar o mesmo volume de títulos públicos pagando taxa de juros mais reduzida.

A visão é do economista José Augusto Arantes Savasini, professor da USP e responsável pela Diretoria Econômica do Banco Noroeste. "O déficit do setor público faz com que se tirem recursos do setor privado e a taxa de juros aumente. Outro ponto é que não precisaria ser tão alta, o que depende da operação da mesa do Banco Central."

Savasini defende "o ajustamento na taxa de juros e sem dúvida

da cortaria o déficit", acrescentando: "Sem isso, a taxa de juros não baixa. É possível, porém, colocar a mesma quantidade de títulos a uma taxa um pouco menor. A mesa de operações do BC tem melhores condições de sentir isso".

O Banco Central fixa os juros? "É uma afirmação muito radical — responde Savasini. O BC pode colocar o custo do dinheiro a correção mais 28%. Mas não é objetivo do governo elevar o nível de juros desnecessariamente. Assim espero. O BC está operando. E como o governo é o maior devedor, não vai querer fazer isso. O objetivo deve ser operar à menor taxa possível. Mas isto depende do dia-a-dia. Em tese, poder-se-ia dizer que o BC pode fixar os juros, mas, como o governo é o maior devedor, é claro que vai tentar fixar a menor taxa possível."

O diretor do Noroeste considera que "não tem sentido" supor co-

mo razoável uma expansão de 300% na base monetária, como se atribuiu a economistas da Seplan. "É difícil dizer com que nível de inflação essa expansão monetária é compatível. Mas não acredito nem que a hipótese tenha sido levantada."

Déficit

Savasini é cético, porém, quanto à possibilidade de cortar rapidamente o déficit público: "Cortar sempre é possível, mas eu vejo o déficit aumentando em vez de ser cortado, como pela via do congelamento de preços, elevação dos aumentos de salários e antecipações na área pública, enquanto cai a fecunda própria das empresas. O único caminho seria um corte brutal nos investimentos, mas como fazer isso com as coisas andando?" — indaga.

(F.P.J.)